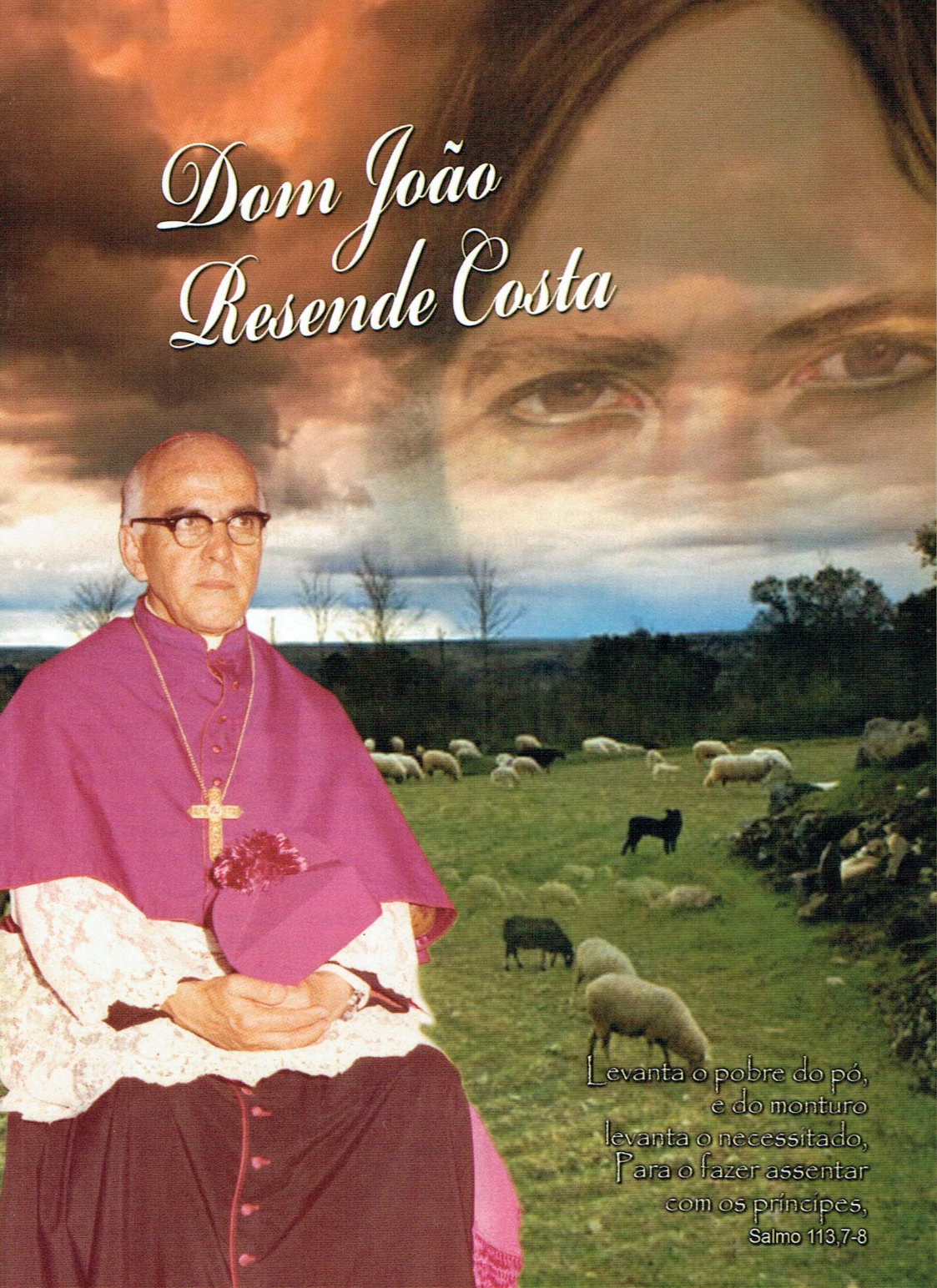




Dom João Resende Costa



Levanta o pobre do pó,
e do monturo
levanta o necessitado,
Para o fazer assentar
com os príncipes,
Salmo 113,7-8

Dom João Resende Costa, sdb

A natureza e a graça agiram nele fazendo conviver invejável sabedoria com impressionante mansidão e humildade.

BIOGRAFIA

IN LAUDEM GLORIAE DEI

Enterrado na cripta da catedral da Boa Viagem, no mesmo túmulo de seu antecessor, ele jaz no frio e na solidão do túmulo. Cálida, porém, sua memória é eterna; seu sorriso ainda se abre; sua voz meiga ainda se faz ouvir; seu zelo de pastor ainda nos fascina; suas brincadeiras espirituosas, inteligentes, ainda nos fazem rir... **"In memória aeterna erit Justus"**.

No dia 19 de outubro de 2010, celebrou-se o centenário do nascimento de Dom João Resende Costa. Internado no hospital Madre Tereza, lá passou o resto de sua vida: dois anos e nove meses. Tudo terminou no dia 21 de julho de 2007. Tudo terminou? Não. Vencemos com o Ressuscitado que nos dá o presente da vida, como em Betânia. Não terminou, não! Pelo contrário: sua vida, já luminosa, se tornou mais luzente ainda, mais clara. Desaparecido do meio de nós, fica a perda. Fica o vazio. Angústia incontida invade todo o nosso ser. Sua partida nos empobreceu, porém sua memória nos alegra: seu espírito ficará sempre em nossos corações. Além do mais, as palavras da fé dão outro rumo ao nosso olhar. Jesus afirma que, na casa do Pai, são muitas as moradas e que Ele foi preparar-nos um lugar.

A propósito da escalada de dom João na galeria dos ilustres pela força do seu viés literário que o distingue como exímio e apreciado escritor, ocorreu-me garimpar uma joia literária na jazida de Joaquim Manuel de Macedo, que abriu caminho para o aprofundamento e sedimentação do romantismo. Narra Macedo: *"Um célebre poeta polaco, descrevendo, em magníficos versos, uma floresta encantada de seu país, imaginou que as aves e os animais ali nascidos, se por acaso se achavam longe, quando sentiam aproximar-se a hora de sua morte, voavam ou corriam e vinham, todos, à sombra das árvores onde tinham nascido"*. Nascidos à sombra das árvores, animais e aves vão mundo afora, levando sua beleza, para depois devolvê-la à fonte. Penso que santo Agostinho estava mais inspirado ao falar desta fonte... A do salmo 62. Sois vós, ó Senhor, o meu Deus! Desde a aurora ansioso vos busco - a busca de Deus! *"...nos fizestes para Vós e o nosso coração não descan-*

sa enquanto não repousar em Vós". São João da Cruz não é menos maravilhoso quando nos faz cantar... *"Aquele eterna fonte está escondida... mesmo de noite!... De lá está chamando as suas criaturas, que nela se saciam às escuras... mesmo de noite..."* Salvo engano meu, é do próprio dom João esta belíssima imagem: nós somos como mariposas esvoaçando ao redor da luz, atraídas por ela. Voltando à imagem de Macedo, vejo dom João saindo de Deus. Um João de Deus, disse dom Walmor. Vejo-o brotando à sombra da grande árvore que é o coração de Deus, na grande floresta encantada que é a imensidão do mistério da Trindade e vindo ao mundo para trazer a luminosidade e a bondade; a misericórdia e a riqueza; a sabedoria e a imensidão; a beleza e... sobretudo a ternura, o grande amor... vejo-o espalhando tudo isto, com o seu largo sorriso, com seu caminhar magnânimo de quase cem anos. Depois vejo-o correr... vejo-o voar... vejo-o ir de volta à sombra da grande árvore do coração de Deus, de onde nasceu. Vejo-o levando muito mais do que trouxera, pois fez multiplicar o que tinha trazido. O João de Deus voltando para Deus! Para cantar eternamente o salmo... *Vosso amor vale mais do que a vida e por isso meu lábios vos louvam... quero pois vos louvar pela vida e elevar para vós minhas mãos!* Dom João Resende escreveu em seu brasão... *in laudem glorie Dei!* E não ficou só escrito: viveu profundamente... mais do que no brasão, escrito estava em sua alma e agora entoava solene o seu salmo... A minha alma será saciada, como em grande banquete de festa; cantará para vós em meus lábios, ao cantar **para vós meu louvor! In laudem glorie Dei...**

Nos seus funerais, multidões demonstraram seu amor pelo pastor desaparecido. Demonstraram seu amor ao pastor querido que se dedicara total e exaustivamente ao bem de suas ovelhas, no amor de Deus, e se tornou, por isto, exemplo inigualável de entrega à causa do Reino de Deus. Fiéis, autoridades religiosas e civis manifestaram seu carinho; expressaram o sentimento de perda. *In laudem glorie Dei!*

"De ninguém guardo rancor ou ressentimento, vivi para o louvor da glória de Deus". Na missa de exéquias, na leitura de seu testamento, ouviram-se estas palavras. E vale ainda a pena citar dele o seu amor, seu apreço pelas pessoas, seu respeito à individualidade: *"Tenho que agradecer a Deus muita coisa porque tudo o que existe dentro de nós vem de Deus. Há uma confiança tranquila de que Deus cobre com sua misericórdia todas as nossas falhas. Tenho a sensação muito viva de que sou devedor a muita gente de tudo aquilo que pude realizar. É a velha verdade de que nenhum homem é uma ilha. Formamos parte de um arquipélago de milhares de irmãos unidos a nós pela amizade, pela cooperação, pela compreensão e pela fé".*

Os funerais não nos acenam para um passado, quem sabe sofrido, quem sabe glorioso, invejável; não nos acenam para a noite, para a solidão e para o frio do túmulo, da terra, à qual voltamos. Apontam, pelo contrário, para o dia eterno, para a comunhão, para o calor da bem-aventurada visão de Deus, para a cidade celeste. Somos cidadãos do céu, de onde virá como salvador aquele que esperamos: o Senhor Jesus Cristo. Ele transformará nosso corpo de miséria e o fará semelhante ao seu corpo de glória, nos tranquiliza Paulo, escrevendo aos Filipenses.

Muitas vezes, Dom João terá rezado com a mesma fé e convicção que demonstrava no seu agir: *Oh Pai, para os que creem em Vós, a vida não é tirada, mas transformada e, desfeito o nosso corpo mortal, nos é dado nos céus um corpo impercível.*

“Tu nos disseste que a morte não é o final do caminho, Que, mesmo mortos, não somos carne de um cego destino”.

UM ILUSTRE NA GALERIA DOS ILUSTRES

Árdua tarefa, a de escrever sobre esta figura deslumbrante. **João Resende Costa** fez uma brilhante história que vem de encontro à nossa. Um grande sinal apareceu no céu de nossa Igreja. Um grande Pastor foi dado à nossa Arquidiocese (*Boa Viagem- Notícias*).

Do riquíssimo patrimônio, que é Dom João Resende para a Igreja, para a Congregação, citamos apenas alguns tópicos a fim de não descaracterizar a sobriedade que deve marcar uma carta mortuária. Trata-se de **um Ilustre na galeria dos ilustres**:

- Figura magnânima e admirável;
- Feição marcada pela ternura, pela bondade, pela nobreza e elegância;
- Pastor dinâmico, fecundo, cheio de alegria e bondade;
- Trajetória acadêmica invejável;
- De excelente formação humanística, além da formação teológica;
- Excelente escritor, de conversa fluente, espirituoso;
- Membro da Academia Mineira de Letras;
- Conhecedor profundo de Dante, sobre quem fez conferência na Academia Mineira de Letras;
- Arcebispo emérito, marcado pela modéstia e pelo silêncio, porém dinâmico;
- ANJO TUTELAR, segundo dom Serafim;
- Ouro considerável de sensatez e equilíbrio;
- Finalmente, fechando com a marca salesiana, **personificação da fidelidade a Dom Bosco.**

Quanto mais árdua a tarefa de escrever sobre tal personalidade, tanto mais edificante e gratificante. Ouçamos sua voz suave e alegre; olhemos na direção que seu gesto manso e meigo aponta. Sigamos o conselho que ele nos ditou com sua vida – **fidelidade à Igreja; fidelidade a Dom Bosco.**

E para podermos traçar dignamente seu retrato, deixemos que o vate lusitano, aedo ímpar da última flor do Lácio, nos inspire...

“Cesse tudo o que a Musa antiga canta, que outro valor mais alto se alevanta...

E vós, Tágides minhas, pois criado tendes em mim um novo engenho ardente, (...)

Dai-me agora um som alto, e sublimado, de um estilo grandiloco e corrente (...)

Dai-me uma fúria grande e sonora, e não de agreste avena ou frauta ruda,

Mas de tuba canora e belicosa, que o peito acende e a cor ao gesto muda...

Dom Serafim, na missa de ação de graças pelo jubileu sacerdotal de dom João, em sua homilia, disse que a Providência jogava na nossa história mais uma vez as palavras: “*Houve um homem enviado por Deus e o seu nome era João*”.

A fecundidade de seu serviço, como salesiano educador e como insigne Pastor cheio de ternura e bondade; o ardor com que ele levou adiante a missão que lhe foi confiada bem que lhe conferem um honroso título de **cavaleiro do louvor da glória de Deus**. Ele é o pastor meigo, dinâmico, admirável, magnânimo. Escritor, conhecedor profundo da língua, membro de Academia, com certeza sorrirá satisfeito ao ver que buscamos inspiração no poeta maior da nossa língua para traçarmos o seu elogio mais do que merecido, necessário, porque sua trajetória é um facho de luz que nos arrasta. ...Ele, o João, cavaleiro do louvor da glória de Deus:

“...Outro Joane, invicto cavaleiro”... (...)

*Ouvi: que não vereis com vãs façanhas, fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas musas, de engrandecer-se desejosas
As verdadeiras vossas são tamanhas que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro e Orlando, inda que fora verdadeiro...*

CUMEADA LUMINOSA

Ao contemplar os rasgados horizontes do espírito de Dom João Resende e ao lhe pesquisar as profundezas da maravilhosa intuição, a gente tem vontade de dizer, com Manzoni, que nele também o Senhor Onipotente

*“Del creator suo Spirito
Più vasta orma stampò”.*

E espontaneamente o classificáramos entre aqueles que os pesquisadores dos valores do espírito chamam de **“flores et culmina generis humani”** - flores e cumeadas do gênero humano.

A capacidade fundamental que Deus lhe pusera na alma de abranger num relance a vastidão dos problemas e intuir-lhes as raízes de solução, se foi enriquecendo por uma vasta experiência de anos e de trabalhos, em que cada fato era como uma semente caída na terra fecunda para germinar em novas intuições e sábias decisões. Isso foi o que lhe possibilitou fazer respirar tão largos respiros de progresso a *porção da Igreja* entregue a suas mãos em 1953. Nessa clarividência e nessa capacidade de analisar as profundezas dos fatos, brilhou ainda sempre uma admirável firmeza, inquebrantável na decisão de atingir a realização dos grandes planos que traçava para o desenvolvimento da grande porção da Igreja que Deus lhe confiara. E nessa firmeza, um sadio otimismo, que contagiava a todos e a todos impelia para as amplidões e para as alturas às quais acenava seu gesto de grande chefe.

Tí esti plágion?... Mas o que é isto? Falei grego? – Isto mesmo! Falei. Plágios, a, on-oblíquo, que não está em linha reta, que está de lado... ambíguo, doloso. Inteligentíssimo, espirituoso, Dom João Resende gostava destas brincadeiras. Se o plágio é fraude, o que está acontecendo desde a primeira linha dos três últimos parágrafos

desta carta mortuária até aqui, é uma fraude, porque é um plágio. É premeditado. Explico-me. Quem está falando desde o início destes três últimos parágrafos é o próprio Dom Resende. Trata-se de um trecho da oração fúnebre, pronunciada pelo então padre João Resende Costa, Inspetor da Inspetoria Salesiana do Sul do Brasil. Aconteceu na missa solene em sufrágio da alma do Pe. Pedro Ricaldone, no Santuário S. Coração de Jesus, de São Paulo, no dia 20 de dezembro de 1951. Portanto, onde se leu *“Dom João Resende”*, na primeira linha, leia-se *Pe. Pedro Ricaldone*.

REFERÊNCIA OBRIGATÓRIA

O Pe. Pedro Ricaldone é um ponto de referência essencial; é um marco obrigatório na ascensão à cumeada luminosa de dom João Resende. Foi justamente no dia em que um pesado manto de neblina fria e cinzenta envolveu a natureza, abateu-se sobre o Oratório, sobre a basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, sobre a cidade, sobre o mundo salesiano... O médico que assistia o Reitor-Mor bate o martelo fúnebre, fatal, inelutável: **“Don Ricaldone non è più”**. Ao apagar-se daquela grande luz, se avivou, com maior intensidade, o brilho de outra luz, chamada João; uma luz nova, que já se distinguia por uma luminosidade singular. Jesus fez um grande elogio de João. *...Ele era uma lâmpada ardente e luminosa. E vós poucos momentos quisestes gozar de sua luz* (Jo 5,35). É o João, lâmpada ardente e luminosa... Dom Serafim confirma: – a presença de dom João em Belo Horizonte foi **uma luz de Deus** para a Arquidiocese... o João de Deus... o João, **“Graça de Deus”**. Em hebraico, Yokkanan, é graça de Deus. Dom Walmor o apresenta tão bem como graça: *“De dom João Resende Costa, para o bem da sociedade, há uma lista considerável de feitos, destes muitos partilhados com outros. Riquíssimo é o patrimônio que ele deixou como fonte inesgotável de referência e sustento nos valores da serenidade, da sabedoria, da honestidade, do bem querer e da inteligência devota a serviço da verdade, da justiça, da paz e do bem...”* Foi verdadeira graça para a Arquidiocese, para o bem da sociedade, para a Congregação, para a Igreja. Ei-lo, o João, verdadeira graça de Deus... dom João, o João dom.

Hoje, na glória de Deus, canta a sua glória com sua luz brilhante na Igreja. Hoje entoa, com o testemunho que deu na Igreja, um eterno louvor à glória de Deus. Isto ele o fez tão bem, na terra, mais do que escrito no seu brasão episcopal – **in laudem gloriae Dei** – escrito no seu coração, na sua vida. Hoje, ele entoa seu louvor à glória de Deus... ele o João luz... parece-nos ouvi-lo, sua voz se distinguindo no imenso coro celestial: *Deus que criastes a luz, sois luz do céu radiosa ...A aurora esconde as estrelas e o seu clarão vos bendiz.*

Sua voz se distingue, no gozo eterno da companhia de Deus, de quem ele cantou o louvor da glória, a nos acenar com seu sorriso alegre, com seu olhar meigo, herança de Dom Bosco. Ocupar um lugar na galeria dos ilustres – e ele ocupou – é coisa pouca, é nada, – diria São Paulo – em vista do lugar que hoje ele ocupa na galeria dos bem-aventurados. Lá da galeria dos bem-aventurados, ele canta, e sua voz se distingue num timbre muito especial de luz. Entoando um místico e melodioso *“Ave maris Stella”*, com a riqueza harmônica da voz dos anjos, ele canta eternamente. No louvor da glória de Deus, ele entoa: *A noite escura se afasta, as*

*trevas fogem da luz. A estrela d'alva fulgura, sinal de Cristo Jesus. A estrela d'alva – “Stella matutina”, presente no seu brasão episcopal, que lhe abriu as portas do céu para recebê-lo, a estrela lhe empresta mais beleza e mais brilho no seu louvor da glória de Deus. Ela, a estrela d'alva, serena e luminosa, a Senhora Auxiliadora, como ele mesmo disse, terá preludiado para ele os clarões da eterna aurora, na galeria dos bem-aventurados. Ela, a Auxiliadora, a estrela d'alva, prometera a Dom Bosco reservar, no Céu, lugar para todos os seus alunos; Ela, que é “pervia coeli Porta”. A “stella matutina”, brilhando na retina do seu coração, o impeliu com segurança pelo mar afora e o conduziu, na mesma segurança, ao porto seguro da casa do Pai. De um modo muito especial, a luz da estrela da manhã se fez presente na história da Arquidiocese, na vida de dom João Resende. Na sede da Boa Viagem, a viagem é boa, quando seu norte é orientado pela **estrela da manhã**. É comovente o que nos conta Dom Serafim: o Núncio Apostólico, Dom Antônio Lombardi, confidenciou-lhe o drama vivido pela Nunciatura. Dom Cabral já muito doente não tinha mais condições de governar a Arquidiocese. A Igreja precisava, com urgência, da pessoa adequada para substituir Dom Cabral. Humanamente não fora possível chegar à pessoa indicada. O Núncio então fez uma viagem especial a Aparecida, com a finalidade de rezar e pedir a Nossa Senhora sua luz e ajuda. ...”e apareceu sem quê nem por quê, o nome do bispo de Ilhéus”. Eis a Estrela ditando o rumo.*

Dom João canta sonoro, inspirado pela estrela, agora, mais do que nunca, o seu louvor da glória de Deus, ele, o João que *“foi uma luz de Deus para a Arquidiocese”*. Parece-nos ouvir sua voz -: *Ó Deus, sois dia dos dias, sois luz da luz, na Unidade, num só poder sobre os seres, numa só glória, Trindade... Perante vós, Salvador, a nossa fronte inclinamos. A vós, ao Pai e ao Espírito, LOUVOR ETERNO cantamos... In laudem gloriae Dei!*

Morto o Pe. Ricaldone, o Capítulo Geral é convocado em 1952; então o padre Inspetor do Brasil Sul fica em Turim, Conselheiro eleito, para daí muito rapidamente se consagrar bispo de Ilhéus e pouco depois arcebispo de Belo Horizonte. Foi um fato inédito, na história da Congregação: um brasileiro, o primeiro, a ocupar uma cadeira do comando geral da Congregação, no Conselho Geral.

Ocorreu-me o plágio porque vi, na belíssima e rica moldura com que ele orna o esplêndido retrato de Pe. Ricaldone, a mesma moldura com a qual podemos ornar o seu não menos esplêndido retrato. Sim, é verdade. *(E abro aqui um parêntese: Peço ao caro leitor que, a partir daqui, acrescente um solene “MAIS” após cada ponto e vírgula e descobrirá, com admiração, um “TOTAL” surpreendente)*. Sim... Rasgados horizontes; profundezas da maravilhosa intuição; capacidade de abranger a vastidão dos problemas; intuição de suas raízes e soluções; vasta experiência; sábias decisões; clarividência; firmeza; inquebrantável decisão de atingir a realização dos grandes planos; sadio e contagiante otimismo; impulso para as alturas; gesto que acena para as amplidões e para as alturas... são fatores que, somados a muitos outros, dão **um total maravilhoso** que se chama **DOM JOÃO RESENDE COSTA**.

Falei da mesma moldura, rica e bela, com que ele ornou o retrato do Pe. Ricaldone. Vamos apenas a um detalhe – feliz coincidência!

“...A evidência de suas qualidades de chefe e de orientador, levou os Superiores a escolhê-lo para fazer parte do Capítulo Superior, como Diretor Geral do Ensino Profissional e Agrícola...” A **evidência de suas qualidades** o fez escalar um caminho que o levou longe... à galeria dos ilustres, diz Dom Walmor. Foi ordenado sacerdote em Roma, em 18 de julho de 1935. No Brasil começa sua luminosa caminhada como diretor de Estudos no Instituto Teológico Pio XI, na Lapa, de 1938 a 1940. Daí, diretor do Liceu Coração de Jesus, de 1941 a 1943. Volta como diretor do Pio XI, na Lapa, de 1944 a 1948. E a partir daí, assume a responsabilidade de Inspetor da Inspetoria do Sul do Brasil, da qual, neste mesmo ano se desmembrou a Inspetoria São João Bosco, onde ele passou o resto de sua vida como pastor admirado e amado. No XVII Capítulo Geral, em 1952, após a morte de Pe. Ricaldone, vemo-lo eleito Conselheiro, cargo que ocupou por pouco tempo. Como Conselheiro, estava fazendo visita à Inspetoria de Manaus e o Papa Pio XII o nomeou bispo de Ilhéus e depois se transferiu para a Arquidiocese de Belo Horizonte.

ANJO TUTELAR

Ao celebrar seu centenário de nascimento, Dom Walmor o cita como figura magnânima e admirável na galeria dos ilustres. *“Uma figura ilustre que, na galeria, não é apenas uma foto recordando um tempo do passado. Suas feições marcadas pela ternura e pela bondade nos lembram a sua voz serena e firme que, até mesmo quando se referia às coisas mais simples do dia a dia, as expressava com nobreza e elegância”*... Binômio tanto mais feliz quanto mais verdadeiro: nobreza e elegância!

Nobreza e elegância, sim. Mas não era só este binômio. Era um vasto complexo de virtudes humanas. A simplicidade, a alegria, a cordialidade; a fidelidade à Igreja, o bom atendimento às pessoas, tudo isto fazia-nos ver nele um resultado harmonioso e esplêndido do equilíbrio entre a graça de Deus e a sua natureza humana. Ele foi aquela argila muito obediente, fácil de se trabalhar, nas mãos do divino Oleiro. Dom Serafim atesta: *“Mesmo depois de emérito, residindo no palácio Cristo Rei, na sua modéstia e silêncio, não foi apenas a figura de um ‘Anjo Tutelar’ mas tinha a agenda permanentemente cheia de serviços pastorais que continuava prestando à Arquidiocese”*.

Assevera Dom Serafim que sua presença em Belo Horizonte foi uma luz de Deus para a Arquidiocese. Ofereceu a maior de todas as lições: fidelidade ao chamado batismal... *“A fidelidade de dom João tem sido exemplo para todos nós. Ele nos ensina a ser fiéis à Igreja e não faz outra coisa senão ser fiel ao seu compromisso de cristão...Cada hora, minuto e segundo, dom João sempre esteve à disposição dos fiéis e essa é outra lição que aprendemos dele: ir ao encontro do outro. São estes alguns presentes que dom João nos dá a todos: a fidelidade a Deus, à Igreja e aos irmãos, sobretudo no cuidado com as nossas ovelhas”*.

O padre Gruen lembra seu lado alegre, repertório inesgotável de piadas, cem por cento inocentes e engraçadas. Ouvia, retrucava, inventava na hora. *Eram piadas boas, de arrancar cordiais risadas... No Concílio Vaticano II, suas piadinhas de oca-*

sião aliviaram o cansaço daquelas longas reuniões de tanta responsabilidade. Havia dois barezinhos no recinto conciliar; foi dom Resende que lhes pôs os nomes, que logo pegaram: Bar Timeu e Bar Rabás.

Tinha o dom da palavra que lhe fluía dos lábios num fascínio invejável. Preparava-se bem, contava fatos, exemplos. Ninguém se cansava, nem mesmo o ouvinte mais impaciente. E continua o testemunho do pe. Gruen: ... *“Certa vez, ao pregar um retiro para nós, em Lorena, ele pegou uma vela, acendeu o pavio com solenidade, olhou para o brilho da chama, levantou a vela para que todos a fitassem e comentou: ‘uma vela acesa nas trevas: coisa bonita; e como ajuda! Irradia calor e luz’. E citou Jesus : vós sois a luz do mundo... Inesperadamente, virou a vela de cabeça para baixo. A cera derretida apagou o pavio. Comentou: ‘quando tudo está no devido lugar, isso não acontece; quando se invertem as posições, dá no que viram. A vela é o nosso corpo, o pavio é nosso espírito, o fogo aceso é a graça divina. Se a gente inverte essa ordem e coloca o corpo acima de tudo, esquecendo-se de cuidar da graça, estraga tudo: apaga o pavio, derrama a cera e suja o chão e a roupa”.*

A TRAJETÓRIA DE UM PASTOR AMÁVEL

Dom João Resende nasceu de uma família marcada pela fé, profundamente católica. Como menino, residindo perto da igreja, sentia profunda admiração pelas coisas de Deus, fascinado pela casa de Deus. Mal imaginava que iria sentar-se na cátedra da Boa Viagem, antes na de Ilhéus. Borda da Mata é sua terra natal, no sul de Minas. Seus pais, Francisco e Mariana, criaram uma família numerosa: 12 filhos, seis mulheres, das quais uma é religiosa e seis homens. Seu pai o matriculou no Colégio São Joaquim, Lorena, SP, aos nove anos de idade. Em Lavrinhas estudou durante seu tempo de formação inicial. Aos dezoito anos, faz os primeiros votos, ingressando na Congregação em 1925. Fez a Teologia em Roma, de 1932 a 1935, na Pontifícia Universidade Gregoriana. Defendeu tese, doutorando-se em Teologia: *“A influência de De Dominis na doutrina de Martin de Barcos”.*

Nomeado bispo de Ilhéus, foi sagrado no dia 23 de fevereiro de 1953 e tomou posse no dia 28 de junho. Narra Dom Serafim: *“No pastoreio das terras baianas, andando de jeep, canoa, teco-teco, na companhia amiga e tutelar do nosso querido e saudoso irmão Alberto Buzzzi, foi incansável. Fez um trabalho de enterrar raízes do Evangelho no coração daquela gente, na qual ainda hoje se notam flores e frutos com a quentura zelosa de suas mãos”.*

Em Ilhéus, ficou quatro anos. Incentivou a obra das vocações sacerdotais, ampliou o Seminário diocesano. Terminou a catedral. Promoveu um Congresso Eucarístico e uma Semana Paroquial. A seguir, foi nomeado bispo coadjutor e Administrador Apostólico “Sede Plena” da Arquidiocese de Belo Horizonte, tomando posse no dia 30 de novembro de 1957. Torna-se Arcebispo em 15 de novembro de 1967. Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota lhe impõe o Sagrado Pálio em 24 de maio de 1969. Em 1980, foi nomeado Administrador Apostólico “sede vacante” de Diamantina.

A cátedra da Boa Viagem foi ocupada pelo pastor inteligente, orador, acadêmico, sobretudo catequista. Um pastor incansável que deu novo rosto à Arquidiocese. Aconteceu a unidade na diversidade; eram linhas mestras com as quais ele conseguiu de modo admirável a união entre padres e leigos. O que era valor ele respeitou. Assim nunca reprimiu os avanços das experiências pré-conciliares.

Participou de todas as sessões do Concílio Vaticano II. Votou os treze documentos e sobretudo fez com que fossem cumpridos. No meio de turbulências que poderiam tornar insegura a rota pela qual conduzia o rebanho, não se deixou levar pela incerteza ou pelo medo. Buscou a concórdia, num diálogo feliz e inteligente. São palavras suas: *“O rigor canônico e litúrgico impedia um pouco o dinamismo da Igreja. Atualmente há uma possibilidade muito grande de criatividade. A Igreja está muito mais viva”*. Sim, ele soube dar vida à Igreja.

Das marcas que o caracterizam citamos algumas, dentre muitas:

- Conquista da harmonia entre grupos antagônicos. A antiga Ação Católica e os Marianos... *“Graças a Deus, com paciência, ouvindo uns e outros e sem interferir em muita coisa, conseguimos uma harmonia que tem sido apontada por diversas pessoas”*. Quem fala é o próprio dom João;
- Sabedoria incomum na pregação do Evangelho, aliada à dignidade de seu modo de ser, somando-se uma simplicidade encantadora;
- Grande líder e administrador: destacam-se entre suas obras a criação de cinquenta e duas paróquias; a bênção de setenta e cinco templos inaugurados; a organização de dezoito comunidades religiosas masculinas e sessenta femininas; a ordenação de inúmeros padres; a organização do patrimônio da Arquidiocese; a construção do Edifício Pio XII; a efetivação jurídica da Universidade Católica de MG, construção de seu edifício, sede e criação de novas unidades.

O Papa Paulo VI o convocou para participar da II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano em Medellín. Participou também do XXXIX Congresso Eucarístico de Bogotá.

COM A PALAVRA, JOÃO PAULO II

Em 2 de julho de 1985, João Paulo II enviou-lhe uma carta a propósito do seu cinquentenário de ordenação sacerdotal. Na segunda parte da carta se lê: *“Na tua ação pastoral e na execução de teus planos de trabalho seguiste, sem dúvida, o estilo próprio da Sociedade de São Francisco de Sales, que é o de exercer o apostolado com espírito aberto, manso, alegre e firme, e com aquele zelo que é tão bem expresso pelo lema do Fundador, São João Bosco: ‘Dai-me almas e ficai com tudo o mais’. E nisso consiste na verdade todo o múnus sacerdotal e episcopal: ganhar almas para Cristo; pois somente essas são as riquezas de seu reino, adquiridas ‘por um alto preço’ (1 Cor 6,20), enquanto as outras não têm valor algum. Agindo de acordo com este propósito, agiste segundo o coração de Cristo, que foi o autor de grande sacramento, Ele que é o Sacerdote supremo, ‘Pastor e Bispo de nossas almas’ (1 Pdr 2,25). Só resta, portanto, que rendas infinitas graças Àquele do qual*

vem toda a nossa capacidade (2 Cor 3,5). Nós nos congratulamos contigo pelos teus cinquenta anos de sacerdócio, concedendo-te ao mesmo tempo a Bênção Apostólica...”

COM A PALAVRA, DOM SERAFIM

Dom João ofereceu um grande presente para a Igreja de Belo Horizonte e para a cidade como um todo, que foi o Dom da “unidade”. Ele pegou uma Igreja dividida e entregou uma Igreja unida. Uma Igreja de muitas cores, mas que tenta ser uma pintura e não dois pedaços dela. No aspecto pessoal, muito mais que conselheiro e amigo, sempre foi “presença”. Uma presença iluminadora, de muito afeto e paciência... Com sua simplicidade sem tamanho, ele sempre ficou mais alegre com minhas realizações do que com as dele próprio...

Com seu equilíbrio e senso de justiça, solidificou a Igreja particular em nossa cidade. Sempre quis mostrar Cristo bem perto de nossos corações...

COM A PALAVRA, O PRÓPRIO DOM JOÃO RESENDE

Vão aqui apenas algumas pétalas lindas, avulsas, colhidas de seu grande e agradável florilégio.

- Depois da graça de Deus, não sei se há algum valor mais nobre do que a amizade.
- Devemos, como padres, ser a grande comunidade dos amigos de Jesus.
- A vida de um padre vale o que vale sua vida de oração.
- Outros poderão falar-lhes de outras coisas, mas nós, sacerdotes, não podemos deixar de lhes dizer “as coisas que são de Deus” (Hb 5,1).
- O apostolado mais eficaz que possamos realizar é o apostolado de nossa própria presença e de nosso exemplo, como “sal da terra” e “luz do mundo” que devemos ser.
- “Deus dê a você, a mim e a todos os Padres a graça de uma alegre fidelidade em nosso serviço sacerdotal “para o louvor da glória de Deus”.
- Cabe ao cristão, através de sua maneira de entender a vida, pelo seu modo de falar, pelas suas convicções, ajudar a trazer a presença de Cristo no mundo, através da Paz e da justiça.
- A Virgem Mãe, que é “porta do céu permanentemente aberta”, me guarde e conduza na sua infinita bondade.
- Tenho de reconhecer que, ao longo de minha vida, Deus caminhou ao meu lado proporcionando-me muitas felicidades.
- O que mais me chama à atenção em Belo Horizonte é o seu povo. É um povo extraordinariamente simpático e muito marcado pela presença da fé.
- É com alegria que celebramos a chegada ao ponto mais alto desta montanha aonde Deus nos permitiu chegar. (na celebração dos 60 anos de seu sacerdócio).

- 19 de outubro de 1910 – Nascimento, Borda da Mata, sul de Minas. Aos nove anos, matricula-se no colégio São Joaquim, de Lorena.
- 1928 – Aos dezoito anos, ingressa na Congregação. Fez os estudos de Filosofia em Lavrinhas.
- 24 de julho de 1935 - Ordena-se sacerdote, na basílica de santo Inácio, em Roma.
- 1937 – Faz doutorado em Teologia.
- 1938/1940 – Conselheiro no Instituto Pio XI, na Lapa.
- 1941/1943 – Diretor do Liceu Coração de Jesus.
- 1944/1948 – Diretor do Instituto Pio XI.
- 1948/1952 – Inspetor da Inspetoria do Sul do Brasil.
- 1952 – No Conselho Superior.
- 23 de fevereiro de 1953 - Nomeado bispo de Ilhéus. Foi sagrado no dia 24 de maio - Toma posse no dia 28 de junho.
- 19 de julho de 1957 – Nomeado bispo coadjutor e administrador apostólico “sede plena”, da Arquidiocese de Belo Horizonte. No dia 30 de novembro de 1957, toma de posse como Arcebispo coadjutor.
- 2 de julho de 1958 – Criou a Universidade Católica de Minas Gerais.
- 15 de novembro de 1967 – Torna-se Arcebispo de Belo Horizonte.
- 1 de julho de 1980 – Acontecimento marcante: a visita de João Paulo II a Belo Horizonte... a inesquecível missa, no alto das Mangabeiras.
- 16 de julho de 1985 – Encaminha seu pedido de renúncia (que foi aceito no dia 5 de fevereiro de 1986).
- 28 de julho de 1985 – Celebração do jubileu de ouro de sacerdócio. Presentes dezenove bispos e mais de duzentos sacerdotes.
- 4 de outubro de 1985 – No Palácio da Inconfidência, Reunião Especial em homenagem a Dom João Resende pelo seu jubileu de ouro sacerdotal.
- 8 de outubro de 1985 – A Câmara Municipal de Belo Horizonte lhe outorga o diploma de Honra ao Mérito.
- 22 de maio de 1993 - Celebração dos quarenta anos de episcopado; eucaristia na igreja de S. Sebastião, no Barro Preto.
- 28 de julho de 1995 – Celebração dos 60 anos de sacerdócio.
- 20 de novembro de 1998 – A PUC Minas lhe outorga o título de Doutor “Honoris causa”.
- 19 de outubro de 2000, Ano Santo – Completa noventa anos de idade.
- 24 de maio de 2003 – Jubileu de ouro episcopal, celebrado no colégio Pio XII.

IN LAUDEM GLORIAE DEI

O Maestro Liviabella, sobre a letra do Pe. J. B. Lemoyne, canta um solene e belíssimo hino a Dom Bosco:

Dall'orto all'ocaso, più viva Del lampo, rifulge, o Don Bosco, tua santa bandiera. L'impresa vi splende- Azione e Preghiera Che Il dito Del Sommo Pastore vergò. (...)

Há uma feliz alusão à Rainha do céu a quem dom João chama de “porta do céu permanentemente aberta” que nos acolhe e conduz. É a estrela do mar, a estrela da manhã:

Ci accoglie vittrice, intorno al vessillo, esercito immenso, del ciel la Regina.

Movimentado, num vivacíssimo, o hino termina com o solene louvor

Si elevino al cielo dei figli le voci. A Dio sol l'imperio, la gloria, l'onor.

Do céu, na comunhão eterna com Deus, esbanjando fidelidade à Igreja e fidelidade a Dom Bosco, dom João Resende, o “João de Deus”, ouve a solene melodia, a beleza harmônica do hino; aprecia a inspiração do biógrafo de Dom Bosco; nos acena com a cabeça, com as mãos, com o olhar, com o sorriso meigo e discreto... nos convida. Sim, com ternura e bondade que vêm de Deus; com nobreza e elegância; com sabedoria e alegria que vêm da galeria dos ilustres na glória celeste... nos convida, nos acena, abre os braços, solene e aponta com dignidade para o eterno Criador: **“Sim, tenho que agradecer a Deus muita coisa porque tudo o que existe dentro de nós vem de Deus!”**

Com a bondade terna do pastor amável, magnânimo e digno, como sempre, ele nos aponta o seu brasão e nos convida a ver a **estrela**. E repete suave, sim, abrindo o sorriso que o caracterizou: ***Si elevino al cielo dei figli le voci. A DIO SOL L'IMPERIO, LA GLORIA, L'ONOR...!***

Apontando mais uma vez para a estrela do seu brasão, nos mostra agora a inscrição, numa expressão luminosa e celeste:

“IN LAUDEM GLORIAE DEI”

Faça-se uma menção especial de honra ao mérito para os salesianos Irmãos que residiram com Dom Resende, acompanhando-o e dando-lhe apoio no seu trabalho: Ir. Alberto Buzzi - + 1977; Ir. Fabiano Braz Ramos - + 1985.

Destaque especial para o Ir Elmano Serrão que o acompanhou com muito carinho até seu último suspiro.

Pe. Lisboa

DADOS PARA O NECROLÓGIO

D COSTA, João Resende

* 19 de outubro de 1910 - Borda da Mata-MG

+ 21 de julho de 2007 - Belo Horizonte-MG

Primeira profissão religiosa: 31 de janeiro de 1928

Ordenação presbital: 24 de julho de 1935

Ordenação episcopal: 24 de maio de 1953.